

Perspectivas e Processos da Alfabetização

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Perspectivas e Processos da Alfabetização

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P467	Perspectivas e processos da alfabetização [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-856-4 DOI 10.22533/at.ed.564192312 1. Alfabetização. 2. Aprendizagem. 3. Educação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 372.4
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

[...] é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito. (Bakhtin, 2004, p.112)

Como diz Clarice Lispector (1984, p.25), “escrever é difícil. É duro como quebrar rochas”. Entretanto, apesar de vivenciar essa dificuldade na escrita deste trabalho, aceito o desafio de ir quebrando rochas.

O processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito, e deste para aquele, mas a aprendizagem da relação fonema grafema, de outro código, que tem, em relação ao código oral. O conceito de alfabetização depende de características culturais, econômicas e tecnológicas durante muito tempo, a palavra alfabetização foi suficiente para designar a aprendizagem inicial da língua escrita, sendo que essa palavra sempre teve um significado consensual na área da educação, ou seja o processo de ensinar e/ou aprender. A escola é a instituição responsável pela alfabetização dos indivíduos, sendo assim a sociedade atribui a escola a responsabilidade de prover as novas gerações.

As representações do ensino da língua escrita estão ligadas a elementos que direcionam o fazer docente. Sendo que os processos de alfabetizar e letrar avaliados na pesquisa consideram que o ensino da língua escrita precisa ser planejado de forma a atender necessidades dos alunos em relação à aprendizagem. Os estudos demonstram que, diante das mudanças educacionais no processo de ensino e aprendizagem de qualidade, é necessário desenvolver métodos para ensinar a ler e a escrever, que requerem diversas ações no âmbito da qualificação profissional diante do comprometimento nas avaliações internas e externas realizadas nesse processo com os alunos.

Configurando um conjunto de medidas associadas e planejadas que possam melhorar a visão dos educadores diante das dificuldades em relação ao domínio do código escrito, promovendo a interação entre os educadores e os alunos na educação básica. Esperamos que esta pesquisa possa contribuir, de alguma forma, para todos aqueles que acreditam na educação de qualidade, diante das reflexões desenvolvidas, auxiliando nas mudanças nos processos de construção do ensino e aprendizagem, especialmente na compreensão da alfabetização e do letramento na aquisição do conhecimento.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONSIDERAÇÕES SOBRE A APROPRIAÇÃO DO NÚMERO E DA LINGUAGEM NUMÉRICA	
Lidnei Ventura	
Klalter Bez Fontana Arndt	
DOI 10.22533/at.ed.5641923121	
CAPÍTULO 2	14
DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Margane Maria Lunelli	
Karen Esteves	
Lidnei Ventura	
DOI 10.22533/at.ed.5641923122	
CAPÍTULO 3	27
A PRÁTICA DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS (SCSV) NO MUNICÍPIO DE TIBAU DO SUL / RN	
Alayne Fernanda da Costa Galvão	
Eciône Feliz de Lima	
Márcia Fernanda Lopes de Souza	
Nayana Marinho da Silva	
Yzynyia Silva Rezende Machado	
DOI 10.22533/at.ed.5641923123	
CAPÍTULO 4	34
PRÁTICA DE LEITURA EM SALA DE AULA: OBRIGAÇÃO OU PRAZER?	
Simone dos Santos França	
Ioneide Preusse Juliani	
DOI 10.22533/at.ed.5641923124	
CAPÍTULO 5	42
CRIANÇA COM DISLEXIA: LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Maria Regina Momesso	
Valquiria Nicola Bandeira	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Andreza de Souza Fernandes	
Monica Soares	
Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.5641923125	
SOBRE A ORGANIZADORA	50
ÍNDICE REMISSIVO	51

CRIANÇA COM DISLEXIA: LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Maria Regina Momesso

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Monica Soares

Vanessa Cristina Scaringi

RESUMO: O contato com obras de variados leitores, nos faz refletir sobre o importante processo de construção desta pesquisa que objetivou descrever a importância da leitura e da escrita no processo de alfabetização das crianças disléxica. Encontramos reais dificuldades para alfabetizar crianças na contemporaneidade. É através da leitura e da escrita que a criança inicia seu processo de alfabetização mediante ao trabalho do educador. A alfabetização para ela passa por processo lento, e a identificação das crianças quando existe a dislexia são desafiados no sentido de minimizar esta defasagem por não ser estimulado pelos pais e profissionais que juntos, não despertaram o hábito da leitura e passam a conviver com o sofrimento dos erros gritantes quando precisam por em prática a escrita. No entanto, a falta destas práticas em algumas escolas, faz com que muitas crianças em nível de alfabetização sofram estas e outras

consequências.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Escrita, Alfabetização, Dislexia.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou abordar os aspectos relacionados com a Leitura, Escrita, Linguagem, Língua e Fala no processo da alfabetização. Com objetivo de refletir formas de inserir a criança em contato com a leitura e a escrita durante a alfabetização. Além de descrever uma análise bibliográfica sobre os processos essenciais do desenvolvimento da criança em Língua Materna na alfabetização, em conjunto com a prática da língua(gem), visa entender qual é a importância da Leitura e da Escrita no durante da alfabetização, pois há diversas barreiras que educando e educador encontraram em sala de aula quando não se tem incentivos de leitura e escrita no ambiente familiar.

O professor, tem atribuição de independente da disciplina que for lecionar, deve estimular o gosto pela leitura de seus alunos e acompanhar o percurso do processo de sua formação leitora.

Ao identificar a realidade das crianças, o acesso a leitura, principalmente das crianças com defasagem na leitura e escrita. Dentro das escolas públicas encontramos uma grande

quantidade de alunos e que dependem de professores comprometidos com o processo ensino aprendizagem. A criança estimulada a ler em casa no início de sua alfabetização poderá tornar-se um leitor, embora a escola tenha um papel fundamental.

Sendo assim, foram realizadas leituras de pesquisas bibliográficas e artigos científicos que ressaltam a importância da Leitura e da Escrita no processo de alfabetização da criança com dislexia.

A CRIANÇA E A LÍNGUA MATERNA

A língua materna é a primeira língua desenvolvida em casa, a língua nativa da comunidade, antigamente a família e em especial as mães era estimulada e no do convívio social.

Observamos que nem todas as crianças possuem habilidade de fala, algumas no nascimento apresentam algum tipo de transtorno, outras aparecem com atraso no desenvolvimento da linguagem.

Para Soares, 1999, p 3, quando a criança entra em contato com o ambiente escolar, ela tem uma noção pré inicial da linguagem falada, não tem o domínio da escrita e não sabe ler e escrever, portanto, irá exercer as práticas sociais da leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive conjugando-as com práticas de interação oral. Para a autora o processo de letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as praticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

O letramento vai além do conceito de escolaridade e de alfabetização, indo além do mundo da escrita.

Para Faraco e Moura (1999), apontam que as primeiras civilizações usavam a linguagem de sinais por meio dos desenhos nas pedras das cavernas e por gestos corporais, sendo que estes eram e anda são uma forma de expressão. Como já era usada pelos povos antigos, a linguagem ficou conhecida como parte da cultura, uma das características da especial do ser humano, uma representação do mundo construído.

Aprender a ler e escrever é um grande desafio, os envolvidos no processo de alfabetizar, inclusive a família, precisam parar e refletir um pouco sobre tudo o que está envolvido no processo de alfabetização. São muitas as dificuldades das crianças no início do processo de aprendizagem da língua escrita, ainda que apresente um perfil normal de desenvolvimento. Segundo FERREIRO E TEBEROSKY (1986), a escrita não reflete uma exata correspondência com a fala. Ela representa por meio de letras, fonemas, mas nem sempre um fonema corresponde a uma letra; muitas vezes a palavra escrita tem mais letras do que os sons que pronunciamos (grafemas). Raramente usamos os fonemas isoladamente, sendo que, de início, a unidade mais facilmente aprendida pela criança é a sílaba, um dos motivos pelos quais, aliás, a

criança antes de chegar à fase alfabética se utiliza da representação silábica. Conforme FERREIRO E TEBEROSKY (1986), a divisão em sílabas se dá praticamente em todas as culturas. Segundo essas autoras, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de método. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do “melhor” ou “mais eficaz”, levantando, assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos, que partem da palavra ou de unidades maiores. O método sintético consiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes ao todo. Os elementos mínimos da escrita são as letras. Durante muito tempo se ensinou a pronunciar as letras, estabelecendo-se as regras de sonorização da escrita. Os métodos alfabéticos mais tradicionais abonam tal postura (FERREIRO E TEBEROSKY, 1986). Sob a influência da linguística, desenvolve-se o método fonético, propondo que se parta do oral. A unidade mínima de som da fala é o fonema. O processo, então, consiste em iniciar pelo fonema, associando-o a sua representação gráfica. É preciso que o sujeito seja capaz de isolar e reconhecer os diferentes fonemas, para poder, a seguir, relacioná-los aos sinais gráficos (FERREIRO E TEBEROSKY, 1986). Como a ênfase está posta na análise auditiva para se separar os sons e estabelecer as correspondências grafema-fonema (isto é, letra-som), estabelecem-se duas questões como prévias: que a pronúncia seja correta para evitar confusões entre os fonemas e que as grafias de formas semelhantes sejam apresentadas separadamente para evitar confusões visuais entre as grafias. Outro dos importantes princípios para o método é ensinar um par fonema – grafema por vez, sem passar ao seguinte enquanto a associação não esteja bem fixada. Na aprendizagem, está em primeiro lugar a mecânica da leitura que, posteriormente, dará lugar à leitura inteligente (compreensão do texto lido), culminando com uma leitura expressiva, onde se junta a entonação. Segundo FERREIRO e TEBEROSKY (1986, p.19) a aprendizagem da leitura e da escrita é uma questão mecânica; trata-se de adquirir a técnica para o decifrado do texto. Porque se concebe a escrita como transcrição gráfica da linguagem oral, ler equivale a decodificar o escrito em som. Nessa perspectiva, é evidente que o método será tanto mais eficaz quanto mais o sistema da escrita estiver de acordo com os princípios alfabéticos. Isto é, quanto mais perfeita seja a correspondência som-letra. Em nenhum sistema de escrita existe uma total coincidência entre a fala e a ortografia; segundo COLELLO (1995) recomenda-se começar com aqueles casos da ortografia regular, palavras onde a grafia coincida com a pronúncia. As cartilhas ou os livros de iniciação à leitura nada mais são do que a tentativa de conjugar todos esses princípios: evitar confusões auditivas e/ou visuais; apresentar um fonema (e seu grafema correspondente) por vez; e finalmente trabalhar com os casos de ortografia regular. As sílabas sem sentido são utilizadas regularmente, o que acarreta a consequência inevitável de dissociar som

da significação e, portanto, dissociar a leitura da fala. O processo de aprendizagem da leitura é visto, simplesmente, como uma associação entre respostas sonoras e estímulos gráficos (FERREIRO e TEBEROSKY, 1986, p.20).

A alfabetização é o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever, já o letramento desenvolve o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais.

Então, uma das principais diferenças está na qualidade do domínio sobre a leitura e a escrita. Enquanto o sujeito alfabetizado sabe codificar e decodificar o sistema de escrita, o sujeito letrado vai além, sendo capaz de dominar a língua no seu cotidiano, nos mais distintos contextos.

	Alfabetização	Letramento
Conceito	Alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e da escrita.	Letramento é o desenvolvimento do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais.
Uso	Uso individual da leitura e escrita.	Uso social da leitura e escrita.
Indivíduo	Alfabetizado é o sujeito que sabe ler e escrever.	Uma pessoa letrada sabe usar a leitura e a escrita de acordo com as demandas sociais.
Atividades envolvidas	Codificar e decodificar a escrita e os números.	Organizar discursos, interpretação e compreensão de textos, reflexão.
Ensino	Deixa o indivíduo apto a desenvolver os mais diversos métodos de aprendizado da língua.	Habilita o sujeito a utilizar a escrita e a leitura nos mais diversos contextos.

De acordo com Magda Soares, professora e pesquisadora da educação, a diferença está no domínio que o sujeito tem sobre a leitura e escrita.

O sujeito alfabetizado sabe ler e escrever, porém pode estar pouco habituado a usar essas habilidades no seu cotidiano. Já o indivíduo letrado, possui domínio da leitura e da escrita nas mais diversas situações e práticas sociais.

O que é o processo de alfabetização?

A alfabetização é o processo de ensino e aprendizagem de um sistema linguístico e da forma como usá-lo para se comunicar com a sociedade.

Através da alfabetização, o sujeito será capaz de codificar e decodificar uma língua, aprendendo a ler e escrever. Esse processo também habilita o sujeito a desenvolver diversos métodos de aprendizado da língua.

O que é o processo de letramento?

Enquanto a alfabetização desenvolve a aquisição da leitura e da escrita, o letramento se ocupa da função social de ler e escrever.

O letramento é o estado que um indivíduo ou grupo social alcança depois de se familiarizar com a escrita e a leitura, possuindo uma maior experiência para desenvolver as práticas do seu uso nos mais diversos contextos sociais.

Um indivíduo letrado é capaz de se informar por meio de jornais, interagir, seguir receitas, criar discursos, interpretar textos, entre outros.

Um indivíduo alfabetizado não significa necessariamente um indivíduo letrado. Do mesmo modo, um sujeito pode ser capaz de realizar determinadas atividades em seu cotidiano que necessitem do letramento, como preencher um recibo, sem que ele seja alfabetizado.

DISLEXIA – O QUE VEM A SER?

Epistemologicamente, Dislexia é uma alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede uma criança de ler e compreender com a mesma facilidade com que as crianças da mesma faixa etária. Todo desenvolvimento da criança é normal, trata-se de um problema de base cognitiva que afeta as habilidades linguísticas associadas à leitura e à escrita (DROUET, 2003, p.137). A Dislexia vai emergir nos momentos iniciais da aprendizagem da leitura e da escrita, é uma dificuldade específica nos processamentos da linguagem, para reconhecer, reproduzir, identificar, associar e ordenar os sons e as formas das letras. As causas da dislexia são neurobiológicas e genéticas. A dislexia é herdada, portanto, uma criança disléxica tem um pai, tio ou primo que também é disléxico e a incidência difere de acordo com o sexo: para cada três homens disléxicos há apenas uma mulher.

Segundo SELIKOWITZ (2001, p. 3), para melhor entender a causa da dislexia, é necessário conhecer, de forma geral, como funciona o cérebro. Diferentes partes do cérebro exercem funções específicas. A área esquerda do cérebro, por exemplo, está mais diretamente relacionada à linguagem; nela foram identificadas três sub-áreas distintas: uma delas processa fonemas, outra analisa palavras e a última reconhece palavras. Essas três subdivisões trabalham em conjunto, permitindo que o ser humano aprenda a ler e escrever. Uma criança aprende a ler ao reconhecer e processar fonemas, memorizando as letras e seus sons. Ela passa então a analisar as palavras, dividindo-as em sílabas e fonemas e relacionando as letras a seus respectivos sons. À medida que a criança adquire a habilidade de ler com mais facilidade, outra parte de seu cérebro passa a se desenvolver; sua função é a de construir uma memória permanente que imediatamente reconheça palavras que lhe são familiares. À medida que a criança progride no aprendizado da leitura, esta parte do cérebro passa a dominar o processo e, conseqüentemente, a leitura passa a exigir menos esforço. O cérebro de disléxicos, devido às falhas nas conexões cerebrais, não funciona desta forma. No processo de leitura, os disléxicos recorrem somente à área cerebral que processa fonemas. A consequência disso é que disléxicos têm dificuldade em diferenciar fonemas de sílabas, pois sua região cerebral responsável pela análise de palavras permanece inativa. Suas ligações cerebrais não incluem a área responsável pela identificação de palavras e, portanto, a criança disléxica não consegue reconhecer palavras que já tenha lido ou estudado. A leitura se torna um grande esforço para ela, pois toda palavra que ela lê aparenta ser nova e desconhecida (SELIKOWITZ, 2001, p. 4). No disléxico a idade de leitura pode ser até dois anos inferior à idade cronológica e esse déficit se traduz em

dificuldades e demora para ler, geralmente observa-se também grafia ruim e erros ortográficos ao escrever, assim como omissão de letras e espelhamento. A dislexia não tem cura, mas existem tratamentos que permitem que as pessoas aprendam estratégias para ler e entender. A maioria dos tratamentos enfatiza a assimilação de fonemas, o desenvolvimento do vocabulário, a melhoria da compreensão e fluência na leitura. Esses tratamentos ajudam os disléxicos a reconhecer sons, sílabas, palavras e, por fim, frases. Ajudar disléxicos a melhorar sua leitura é muito trabalhoso e exige muita atenção, mas toda criança disléxica necessita de apoio e paciência, pois essas crianças sofrem de falta de autoconfiança e baixa auto-estima, pois se sentem menos inteligentes que seus amigos (MARTINS, 2004).

A dificuldade específica de leitura ou Dislexia, é a mais conhecida e mais estudada forma de dificuldade específica de aprendizagem, conforme já afirmamos anteriormente. Para que o termo Dislexia tenha algum significado, ele deve ser utilizado somente para crianças que tenham consideráveis dificuldades para aprender a ler, que estejam fora da média (SELIKOWITZ, 2001,p.5).

A CRIANÇA COM DISLEXIA

De início, convém esclarecer que a dislexia tem sido tradicionalmente divulgada pela literatura nacional e internacional como um distúrbio de aprendizagem manifestado por um conjunto de alterações “patológicas” que se evidenciam na aprendizagem/ uso da escrita. Desde a sua primeira descrição - elaborada, em 1896, pelo médico inglês Pringle Morgan até os dias atuais, a dislexia vem sendo objeto de estudos e publicações em diferentes áreas: neurologia, genética, oftalmologia, psicologia, ciências cognitivas, fonoaudiologia, educação, entre outras.

Contudo, se o conceito de dislexia é impreciso, se as descrições sintomatológicas associadas a esse conceito apresentam-se desprovidas de uma investigação linguística, se as tarefas avaliativas usadas para diagnosticar esse dito distúrbio mostram-se inconsistentes pela concepção de linguagem que as direcionam, o tema em questão indica lacunas que merecem uma análise sistemática capaz de promover uma revisão da noção de dislexia relacionada aos processos de aprendizagem da escrita.

De acordo com o autor SELIKOWITZ (2001, p.6), a dificuldade na leitura foi a primeira forma de dificuldade específica de aprendizagem a ser descrita. Segundo o autor, em 1878, um médico alemão, Dr. Kussmaul descreveu um homem que era incapaz de aprender a ler. O homem possuía inteligência normal e havia recebido uma educação adequada. Dr. Kussmaul denominou este problema de cegueira da leitura. Nove anos depois, Dr. Berlin outro médico alemão, criou o termo dyslexia (do grego, “dificuldade com as palavras”) para esta condição: dus = difícil, dificuldade; lexis= palavra. O primeiro relato na Inglaterra de uma dificuldade específica de aprendizagem foi também de adultos com dificuldades de leitura. Um cirurgião oftalmologista escocês, Dr. James Hinshelwood, publicou um relatório em 1895 e denominou a

condição de cegueira da palavra. Sua dissertação propiciou a primeira descrição de dificuldade específica de leitura em uma criança, um ano mais tarde, quando o Dr. Pringle Morgan descreveu um garoto de 14 anos com dificuldade de leitura. O professor do garoto escreveu que “[ele] seria o rapaz mais inteligente da escola se as instruções fossem somente orais” (SELIKOWITZ, 2001, p.7). Durante o primeiro quarto do século XX continuou o interesse em focalizar a dificuldade específica da leitura. Segundo SELIKOWITZ (2001, p.8), em 1925, um neurologista americano, Dr. Samuel T. Orton, propôs a primeira teoria sobre como surgia a dificuldade específica da leitura. Ele concentrou grande ênfase no desenvolvimento do domínio de um lado do cérebro. Juntamente com sua assistente, Ana Gillingham, ele desenvolveu uma série de estratégias de ensino, alguma das quais ainda estão em uso. De acordo com SELIKOWITZ (2001, p. 8), outras formas de dificuldades específicas de aprendizagem foram também descritas neste período, mas não foram amplamente reconhecidas até 1939, quando Dr. Alfred Strauss e o Dr. Heinz Werner publicaram sua descrição de crianças com ampla faixa de dificuldades de aprendizagem. Eles enfatizaram a diversidade destes problemas e a importância da observação de cada criança individualmente para avaliar suas necessidades de Educação em particular. Foi este trabalho que deu impulso ao estabelecimento de serviços clínicos e educacionais para crianças com dificuldade específica de aprendizagem, primeiramente no Estados Unidos e, então, em outras partes do mundo. Conforme SELIKOWITZ (2001, p. 8), um marco foi alcançado em 1977, quando a Lei Pública 94-142 foi instaurada nos Estados Unidos, assegurando os direitos de avaliação adequada e orientação de seus problemas às crianças americanas com dificuldade específica em aprendizagem. Em 1981, a Inglaterra e a Escócia firmaram um Ato Educacional que determinava que a criança com dificuldades de todos os tipos de aprendizagem têm direito à avaliação adequada e à assistência, conforme suas necessidades específicas. As dificuldades específicas de aprendizagem recebem hoje em dia muito mais atenção do que em qualquer outra época.

Há uma série de razões para isto; na visão de SELIKOWITZ (2001, p. 9): No entanto, essa complexa constituição sucumbe à tradição assumida pela gramática normativa e, ao lado de uma série de interlocutores que os professores, muitas vezes, sequer desconfiam, dão sentido ao seu fazer pedagógico. Assim, mesmo não tendo plena consciência da concepção de língua que define esse fazer, os professores, ainda que tenham saberes diferenciados, optam por aquilo que acreditam dar certo em alfabetização. Não podemos deixar de destacar que o letramento, ao ser amplamente propagado nos vinte últimos anos, trouxe uma contribuição para se pensar o processo de apropriação da língua escrita pela criança. Seus pressupostos remetem-nos a pensar em algumas questões que nos parecem ser anteriores à inserção da denominação ‘letramento’ para compor o processo de alfabetização. E, como esta pesquisa mostrou, conhecer a constituição dos professores alfabetizadores e o que lhes faz sentido como linguagem é um caminho para revermos nossas concepções e

nossas práticas alfabetizadoras.

CONCLUSÃO

Na literatura brasileira existe uma variedade de programas de intervenção específicos para o trabalho com o aluno disléxico. O uso dessas intervenções com o aluno aumenta sua autoestima, a qual com os anos enfraquece devido ao choque do transtorno, organiza o desenvolvimento da criança criando estratégias, desfaz rótulos de alunos passivos, inadequados e ineficientes e contribui para melhorar prejuízos decorrentes. Embora existam programas de intervenção, conclui-se por meio dos resultados que os professores não aplicam tais programas na alfabetização de alunos disléxicos por falta de conhecimento e capacitação. Observa-se apenas o uso de estratégias voltadas para o ensino da leitura e da escrita, o que não atende às necessidades sensoriais e fonológicas dos alunos. É necessário oferecer aos professores um conhecimento específico e adequado às necessidades de alunos com dislexia, de forma a evitar a angústia desses professores em relação às dificuldades apresentadas pelos alunos, levando-os a não se alimentar de falsas expectativas quanto ao rendimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria Amélia; MARQUES, Maria Lucia. Alfabetização Hoje. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- COLELLO, Silvia M. Gasparin. Alfabetização em Questão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (CNE). Resolução ° 2 – Institui diretrizes nacionais para educação especial na educação básica. Brasília – D.F., 11/09/2001. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL – Texto Promulgado em 05 de Outubro de 1988.
- CORDE. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de deficiência. Declaração de Salamanca e Linha de Ação – Sobre Necessidades Educativas Especiais. 2.ed. Brasília, 1997.
- DECRETO LEI Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.
- DECRETO LEI Nº 10.172, de 09 de Janeiro de 2001. DECRETO LEI Nº 4.024, de 20 de Dezembro de 1961.
- DECRETO LEI Nº 9.131, de 25 de Novembro de 1996. <http://www.mec.gov.br>.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MARTINS, Vicente. Quem Necessita de Educação Especial?
- SELIKOWITZ, Mark. Dislexia e Outras Dificuldades de Aprendizagem. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2001.
- SOARES, Magda B. As muitas facetas da alfabetização. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 52, p. 19-24, fev./85

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Pedagoga, IFSP – Câmpus Araraquara. Doutoranda em Educação Escolar – UNESP- Araraquara. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 34, 35, 38, 42, 43, 45, 48, 49, 50

Apropriação 1, 4, 5, 8, 11, 12, 13, 31, 48

C

Convivência 27, 28

Criança 7, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49

D

Desafios 14, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 26, 36

Dislexia 42, 43, 46, 47, 49

E

Educação Infantil 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 34, 35, 36, 38, 39, 40

Escrita 9, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49

Experiência 27, 28, 41, 45

F

Fortalecimento 27, 28

L

Leitura 4, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49

Letramento 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 35, 43, 45, 46, 48

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 17, 20, 22, 23, 24, 27, 29, 32, 36, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 47, 48

N

Numérica 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16

Número 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 19

O

Obrigação 34, 37, 39

P

Prática de Leitura 27, 33, 34, 35, 39, 40

Prazer 3, 34, 35, 39, 40

Processo de Alfabetização 15, 16, 19, 20, 21, 22, 26, 42, 43, 45, 48

S

Sala de Aula 19, 20, 21, 23, 29, 31, 32, 34, 40, 42

Serviço 27, 28

V

Vínculos 27, 28

Vivenciada 22, 27, 28, 32

